

RIBEIRO, Darcy. *A universidade necessária*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975. 307p. (Estudos latino-americanos, 2).

*"A Universidade Necessária, de que Darcy Ribeiro esboça o modelo teórico, é a universidade moderna, pela sua estrutura e pelos seus objetivos, mas é, sobretudo, a universidade das múltiplas e variadas culturas nacionais do mundo latino-americano, proposta à sua crítica e constante reformulação, instrumento supremo de realização do esforço racional, tanto no campo cultural quanto no econômico, visando a integração social das respectivas populações, o vigor do caráter nacional de cada uma das nações irmãs e a riqueza de sua contribuição específica à civilização latino-americana."**

A proposta de um modelo de universidade para a América Latina é apresentada, neste livro, partindo, inicialmente, do estudo das diferentes experiências da Universidade na Europa e na América inglesa. Em seguida, voltando-se para a América Latina, analisa as tentativas de reforma e renovação, os dilemas e falácias, os desafios cruciais diante do projeto de desenvolvimento autônomo da América Latina, para, finalmente, traçar as diretrizes do modelo teórico da Universidade Necessária.

O livro está organizado em seis partes: na primeira são estudados "os fatores causais da crise com que se defrontam todas as universidades do mundo". Na segunda, são apresentados os principais modelos estruturais de universidades do mundo moderno e as suas relações com a universidade latino-americana. A terceira volta-se para "o padrão tradicional de organização das universidades latino-americanas". A quarta faz um balanço das tentativas de renovação desse padrão e apresenta alguns princípios que deveriam nortear uma nova reforma universitária. A quinta parte trata da proposta de um modelo teórico de estruturação universitária que baseou-se no projeto que foi implantado na Universidade de Brasília. "A última parte é uma reflexão sobre o caráter do sa-

ber acadêmico, principalmente do saber fundado nas ciências humanas e sobre os desafios que a renovação social coloca ante a universidade".

Analisando a crise que afeta as universidades modernas, o autor caracteriza-a como conjuntural, política, estrutural, intelectual e ideológica.

É conjuntural na medida em que surge do impacto de forças transformadoras, numa fase de transição de uma civilização de base industrial para uma outra que sofre os efeitos de uma revolução científica e tecnológica — a Revolução Termonuclear. Para as universidades dos países desenvolvidos, esta crise assume a forma de traumas que surgem do envolvimento de seus investigadores e laboratórios nas tarefas da guerra fria e quente, e de tensões provenientes de inovações nas atividades produtivas e nos serviços que passam a exigir formação universitária para toda a força de trabalho. Para as nações subdesenvolvidas, essa crise apresenta-se como um desafio para suas universidades que deverão realizar "a tarefa de auto-superação de suas deficiências para o domínio de um saber novo cada vez mais ampliado, ou ver aumentar progressivamente sua defasagem histórica em relação às nações adiantadas".

A crise é política porque surge de conflitos sociais decorrentes de interesses e expectativas antagônicos de grupos que querem as universidades conservadoras e disciplinadas e outros que as desejam renovadoras ou, até, revolucionárias.

A crise é estrutural, pois os problemas da universidade ultrapassam o nível institucional. Pelo fato das estruturas vigentes constituírem "resíduos históricos de esforços seculares para criar universidades em condições adversas, nelas se fixaram múltiplos interesses a atuar como obstáculos à sua transformação".

A crise é ainda intelectual e ideológica, primeiro porque exige o estudo da própria universidade para conhecer os seus condicionantes e os requisitos de sua transformação, segundo porque os próprios universitários se dividem, uma vez que essas transformações "podem contribuir tanto para a universidade constituir-se em motor de mudança da socie-

* Comentário de Anísio Teixeira extraído da orelha da obra.

dade global, como para erigir-se em fortaleza defensiva do 'status quo'.

Diante das tensões derivadas desta crise múltipla, a universidade é compelida a discutir e propor caminhos de superação de seus problemas. Esses caminhos podem ser reduzidos a duas políticas básicas: uma é a política de modernização reflexa, que corresponde ao aperfeiçoamento da universidade "de modo a torná-la mais eficiente no exercício de suas funções conservadoras dentro de sociedades dependentes e submetidas à espoliação neocolonial"; a outra é a política de crescimento autônomo que propõe a transformação da universidade como uma etapa no sentido de mudar a própria sociedade, a fim de que ela possa "evoluir da situação de proletariado externo — limitado a satisfazer condições de vida e de prosperidade de outras nações — à dignidade de povo para si, senhor do comando de seu destino e disposto a integrar-se na civilização emergente como nação autônoma".

Resta saber se é possível a transfiguração da universidade que antecipe e até mesmo se torne alavanca da aceleração evolutiva, independente de transformação prévia e revolucionária da sociedade, como sempre ocorreu.

Essa crise das universidades está inserida em uma crise mais geral das nações latino-americanas que sofrem dois tipos de pressões opostas: há aqueles que pretendem conduzi-las à atualização histórica e os que buscam elevá-las à aceleração evolutiva. "Tais pressões são exercidas sobre todas as instituições e, de modo particularmente grave, sobre as universidades, dividindo seus corpos acadêmicos em grupos antepostos e exercendo um estrangulamento cultural contra as mais autênticas e eficazes".

Um outro aspecto que agrava a situação das universidades latino-americanas refere-se à campanha de colonização cultural de que a América Latina vem sendo objeto.

"Ninguém ignora que uma série de órgãos internacionais e norte-americanos têm, hoje, idéias muito precisas sobre o tipo de universidade conveniente à América Latina, sobre as pesquisas que nos cabem realizar e a natureza do ensino a ser ministrado."

Na segunda parte, o autor analisa alguns modelos clássicos de universidade. Parte da constatação de que as grandes estruturas universitárias modernas são resultantes do desenvolvimento social global, tendo corrido para o mesmo apenas subsidiariamente.

As universidades das nações subdesenvolvidas deverão inverter aquela seqüência, isto é, terão que atuar como motor de aceleração do progresso global da nação e não como reflexo do desenvolvimento alcançado pela sociedade.

O estudo comparativo das diferentes estruturas universitárias visa identificar os obstáculos institucionais que dificultam o eficaz desempenho do papel das universidades em relação à nação.

Atualmente, um processo de profundas mudanças ocorre nas universidades latino-americanas, que se transformam espontânea e intencionalmente. Para uma intervenção mais eficaz nesse processo, é necessário reforçar as tendências para a intencionalização do mesmo e fazê-lo no sentido do atendimento dos interesses do desenvolvimento nacional autônomo. Para isto, o conhecimento dos principais modelos de organização universitária pode oferecer subsídios para definição do nosso modelo de universidade. Também, a análise da atual conjuntura das próprias universidades latino-americanas poderá indicar o rumo a que nos conduz as linhas de transformação espontânea em andamento, podendo, ao mesmo tempo, "desmascarar os interesses espúrios escondidos por trás dos projetos de atualização histórica de que somos objeto".

Descrivendo alguns modelos de organização universitária, o autor identifica aspectos positivos e negativos que a universidade latino-americana recebeu e incorporou.

Assim, estudando-se a evolução da estrutura universitária francesa do século passado, pode-se considerá-la como exemplo de instituições que atuaram como agências intencionais de integração nacional, de mobilização cívica e de incorporação de sua sociedade à civilização de seu tempo. Hoje, a mesma tem pouco a ensinar como um modelo de estruturação universitária. O mesmo ocorre com as universidades inglesas cuja "consciência de suas deformações e insuficiências, recém desperta-

da, é mais ilustrativa do que os estudos normativos até agora produzidos pelos acadêmicos ingleses”.

As universidades norte-americanas “ensinam-nos como, por efeitos reflexos, uma estrutura universitária pode experimentar renovações espontâneas que lhe permitam acompanhar e apoiar um processo de intensa transformação social”. A sua estrutura básica apresenta algumas características que a diferenciam das demais. É o caso de sua autonomia funcional, com relação ao governo — embora não o seja com referência aos financiadores privados —, a falta de burocratização, a diversidade das modalidades dos cursos oferecidos, etc.

Quanto à universidade alemã, um aspecto a ser ressaltado refere-se ao fato de que no seu período áureo, a atividade criadora de investigação sobrepujava qualquer preocupação com o ensino.

A universidade soviética, embora tenha pontos comuns com os sistemas descritos anteriormente, difere dos mesmos na medida em que está relacionada com o processo de implantação do socialismo. Entre as características diferenciais desse sistema de ensino superior, encontram-se as seguintes: a separação entre o ensino e a investigação profissional de alto nível, o caráter ativamente competitivo, a unidade ideológica do ensino, lograda pela adoção do marxismo-leninismo como método de investigação e como teoria geral explicativa da sociedade e da história, etc.

De toda experiência da universidade soviética, o que se destaca é o modo como “enfrentou vitoriosamente o desafio de formar um novo corpo de dirigentes nacionais comprometidos com o processo de transformação revolucionária da sociedade, e cada vez mais capacitados a dominar, cultivar e difundir o saber moderno”.

Estes aspectos, entre outros, constituem o legado da herança internacional para a organização universitária latino-americana. Todavia, a mesma também recebeu e incorporou vários aspectos negativos. É o caso do caráter elitista, tão inglês ou alemão, de nossas universidades, o estilo autocrático e patricial com que eram exercidas as cátedras, o caráter burocrático que transforma as nossas universidades em verdadeiras repartições públicas, como as francesas, etc.

“Evidentemente, a universidade latino-americana é fruto de sua sociedade. Subdesenvolvida como a sociedade em que se insere, fundada como empreendimento alheio mediante projetos forçados que fixaram populações em certos pontos — não para criar novas sociedades autônomas, dispostas a viver o próprio destino, mas para a satisfação das condições de existência e de prosperidade das nações colonialistas”. Na terceira parte, Darcy Ribeiro faz um balanço do que é a universidade latino-americana de hoje. Procura analisar objetivamente a universidade real, o seu modo de inserir-se na sociedade global, a forma como nela se insere a realidade circundante, nutrindo os ideais cultivados e os mecanismos universitários de perpetuação dos sistemas sociais que a instituíram.

Na quarta parte, faz “um balanço crítico dos esforços mais destacáveis de renovação, em andamento, e uma avaliação dos desafios que defrontamos”. São descritos a experiência de Córdoba (1918) e os esforços de modernização tentados, entre outras, pelas universidades uruguaia, brasileira e argentina. O autor faz referência, ainda, aos projetos de americanização que ocorreram no Chile, na Costa Rica e em outros países, e cita como exemplo de experiência renovadora a Universidade de Brasília.

A análise das organizações universitárias latino-americanas possibilitou identificar alguns dilemas por elas enfrentados, como humanismo-pragmatismo, cientificismo-profissionalismo, elitismo-massificação, etc. “Todos estes dilemas são falazes por não proporem opções reais entre as quais a universidade teria de escolher, mas dissolverem em ambigüidades alguns dos problemas cruciais da universidade latino-americana”.

Depois de fazer uma sucinta apreciação dos dilemas falazes ou ambíguos, o autor examina os desafios efetivos, em relação aos quais as universidades latino-americanas devem tomar posição clara.

São eles:

- a) a opção entre a espontaneidade e o planejamento, como política de desenvolvimento da universidade, e
- b) a opção entre o compromisso da universidade com a nação e seus problemas de desenvolvimento e a postura acadêmica tradicional, fechada em si mesma e dedicada à erudição gratuita e desinteressada

do destino nacional, ou incapaz de relacionar a atividade universitária com uma atitude cidadã.”

O autor faz alguns comentários sobre essas duas opções e apresenta um rol de sessenta princípios como requisitos básicos de uma nova reforma. Esses princípios estão agrupados nos seguintes aspectos: responsabilidades da universidade; diretrizes da reforma estrutural; a carreira do magistério; a universidade e o estudante; a universidade criadora; a universidade docente; a universidade difusora; a universidade e a nação; intencionalização política da universidade.

Em seguida, apresenta um modelo teórico de organização universitária. O modelo proposto baseia-se numa estrutura integrada por três tipos de componentes básicos:

- a) Os Institutos Centrais que são entidades dedicadas à docência e à pesquisa nos campos das ciências, letras e artes. Seu cultivo justifica-se tanto pelo seu valor propedêutico para qualquer formação profissional posterior como por seu valor em si;
- b) as Faculdades Profissionais que se ocupam com o ensino das ciências aplicadas. São organizadas para receber estudantes que já obtiveram formação universitária básica e buscam nestas faculdades cursos de treinamento profissional e de especialização para o trabalho, e
- c) os Órgãos Complementares que oferecem à comunidade universitária os serviços de informação, difusão, edição, assistência e esporte, retirando destas atividades o seu valor educacional, colaborando na formação de diversos tipos de profissionais universitários, além de colocar a universidade em contato com a sociedade global.

Falando das vantagens dessa estrutura tripartida, o autor cita, entre outras, as seguintes: evita a duplicação desnecessária e dispendiosa de instalações e equipamentos, adia por dois anos a opção profissional do aluno, proporciona modalidades novas de formação científica e especialização profissional, etc.

Os Institutos Centrais, as Faculdades e os Órgãos Complementares constituem a macroestrutura orgânica da universidade.

Os Institutos e as Faculdades formam complexos integrativos devido às suas articulações funcionais — interdependência didática que ocorre com a existência de órgãos comuns de ensino e pesquisa e exigem capacidade de uma ação coniugada e de intercâmbio recíproco satisfatório.

Os Departamentos seriam as unidades operacionais básicas de docência, pesquisa, extensão e difusão cultural. Cada Departamento corresponde a um campo de especialização e integra especialistas em unidades permanentes, tanto para o exercício da pesquisa como para dar cursos universitários.

O Departamento faz parte da macroestrutura da universidade a que pertence (Instituto Central ou Faculdade) ao lado de outros órgãos, como os Centros e Programas. “Centros são unidades interdisciplinares de pesquisa ou docência, de caráter permanente, que oferecem ao pessoal dos Departamentos recursos e equipamento para a execução de projetos específicos de trabalho. Programas são atividades interdisciplinares de pesquisa ou docência que, por seu caráter eventual ou provisório, não justificam a criação de órgãos permanentes, como seria o caso dos Centros”.

O problema fundamental da reforma, todavia, “não está na técnica da nova estrutura, mas na determinação do conteúdo de poder que marcará o rumo e o ritmo do processo de transformação. Este ineludível imperativo indica o cogoverno das universidades, Institutos Centrais, Faculdades e Departamentos, pelos professores e alunos, como o requisito básico da edificação da Universidade necessária”.

Finalmente, o autor faz algumas reflexões sobre o saber acadêmico, partindo do pressuposto de que a principal deficiência da atividade científica exercida em nossas universidades é a falta de adequação e autenticidade. “Adequação ao nosso meio natural e humano, encarados com ótica de estrangeiros. Autenticidade relativamente a nossos valores e interesses, que só podem se manifestar como idiosincrasias e jactâncias, porque o que se faz é a simulação ou a duplicação precária da criatividade alheia”.

Em anexo é apresentada a comunicação feita por Heron de Alencar, à Assembléia Mundial de Educação, no México, em setembro de 1964, sobre a Universidade de Brasília.